

Prefácio

Quando recebi o convite para escrever este prefácio, entendi que este poderia ser um convite ao cuidado e à reflexão. Como mulher negra que trabalha na formação de lideranças e nos cuidados coletivos, carrego comigo a força de tantas mães que transformam o luto em luta. Como mãe de Marielle Franco, e de Anielle Franco, após o assassinato brutal de minha filha, em 14 de março de 2018, assumi a defesa da memória de Marielle e me tornei um símbolo de resistência. Anielle, hoje ministra da Igualdade Racial, não se cansa de dizer que chegou onde está “por causa de Marielle e de minha mãe”. São mulheres que nos ensinam que a dor pode ser combustível para uma luta amorosa e transformadora.

Nos artigos desta edição, você encontrará análises profundas sobre as diversas faces do racismo. No artigo **“Gestão da vida e da morte: necropolítica, violações do processo penal e os impactos na subjetividade negra”**, os autores nos lembram que há políticas de morte em curso, como observa Achille Mbembe ao definir a necropolítica como o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. Essa realidade se traduz em violências diárias contra a juventude negra e em um sistema de justiça que muitas vezes naturaliza o extermínio.

No artigo **“As manobras do racismo: arquétipos raciais – meios sutis de perpetuação da hierarquia sobre a raça”**, mostra-se como estereótipos e representações midiáticas de pessoas negras perpetuam a desigualdade, enquanto em **“A construção jurídico-política da identidade nacional e o reconhecimento das identidades parciais no Estado brasileiro”** discute-se como a ideia de uma nação “sem racismo” mascara hierarquias profundas. Lutar pelo reconhecimento das identidades quilombolas, indígenas e afro-brasileiras é lutar pelo direito de existir.

A pesquisa apresentada em **“As cotas raciais e seu alcance na redução das desigualdades”** nos dá esperança. Em 2012, o Supremo Tribunal Federal considerou constitucionais as políticas de cotas, permitindo que universidades reservem vagas para estudantes negros e indígenas. Graças a essa decisão e à mobilização social, a proporção de jovens negros no ensino superior subiu de 7% em 1999 para 30% em 2009. Como mãe, sei o que significa ver um filho conquistar um espaço que historicamente lhe foi negado.

Mas a desigualdade se manifesta também no consumo. O artigo sobre a “**pink tax**” explica que produtos direcionados a mulheres custam mais caro que versões equivalentes para homens. Estudos mostram que, em média, esses itens custam 7% a mais, chegando a 13% na categoria de cuidados pessoais. Para nós, mães negras, que muitas vezes sustentamos nossas famílias sozinhas, tendo que viver com salários mais baixos, esse acréscimo injusto pesa no orçamento.

Na saúde, as barreiras são igualmente cruéis. Pesquisas citadas no artigo “**Neurociência do racismo em saúde: quando o cérebro e a cor da pele definem o atendimento**” revelam que metade dos estudantes de medicina nos Estados Unidos acreditava em mitos como “a pele das pessoas negras é mais espessa”, o que leva a tratamentos inadequados da dor. Essas falsas crenças, quando transplantadas para o contexto brasileiro, ajudam a explicar por que tantas mães negras sofrem ao verem seus filhos receberem cuidados de saúde precários.

E há ainda o racismo religioso. Em 2024, o Brasil registrou 3.853 casos de intolerância religiosa, um aumento de mais de 80% em relação a 2023. Mesmo eu sendo uma mulher católica, sei que são as religiões de matriz africana, como Umbanda e Candomblé, as mais atacadas. O artigo sobre o tema propõe um plano nacional de combate ao racismo religioso e lembra que defender a liberdade de culto é também proteger a ancestralidade que tantas mães transmitem a seus filhos.

Ler estes textos foi como mergulhar em análises profundas de dores, mas sobretudo em estratégias de resistência. Como uma mãe e ativista, vejo nestas páginas um chamado para que mais mulheres negras ocupem a política institucional e para que nossos filhos cresçam em um país onde suas vidas valham a pena.

Convido você a seguir conosco nessa jornada, e espero que a leitura inspire ações e fortaleça nossos laços de solidariedade, para alcançarmos um país mais justo e com equidade racial. Juntas e juntos, transformamos o luto em luta e a dor em esperança de um futuro melhor.